

# PROCESSOS EDUCATIVOS EM SAÚDE CONSOLIDADOS NO CONTEXTO DO TRABALHO SEXUAL

Educational processes in health consolidated in the context of sex work

Fabiana Rodrigues de Sousa<sup>1</sup>,  
Flávia do Carmo Ferreira<sup>2</sup>, Maria Waldenez de Oliveira<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste artigo, apresentaremos resultados de pesquisas desenvolvidas durante curso de mestrado em educação, com objetivo de identificar processos educativos em saúde consolidados no contexto do trabalho sexual exercido em casas noturnas da cidade de São Carlos/SP. Os aportes da Educação Popular embasaram as metodologias das referidas pesquisas, favorecendo a convivência, o diálogo e a busca por conhecer a realidade vivenciada por prostitutas participantes da pesquisa. Destarte, discutiremos sobre as contribuições desse referencial para pesquisa em contextos prostitucionais e, a seguir, apresentaremos processos educativos em saúde, bem como algumas vulnerabilidades do trabalho sexual. A partir dos resultados obtidos, foi possível observar que prostitutas tanto aprendem como ensinam nas relações estabelecidas no exercício do trabalho sexual. Contrariando abordagens que insistem em retratar as prostitutas como vítimas, a análise dos depoimentos cedidos pelas participantes da pesquisa permite-nos considerar que elas possuem saberes e criam estratégias para promoção de sua saúde e redução das vulnerabilidades com que se deparam no exercício de sua ocupação. Almejamos que os dados, ora apresentados possam suscitar reflexões que favoreçam o desenvolvimento de ações voltadas à promoção da saúde da mulher prostituta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Popular; Processos Educativos; Saúde; Trabalho Sexual.

### ABSTRACT

In this article we present results of research conducted during Master's degree in education in order to identify the educational processes in health consolidated in the context of sex work performed in nightclubs in São Carlos/SP. The contributions of popular education have shaped the methodology of these polls favoring coexistence, dialogue and the quest to know the reality experienced by prostitutes participants of research. Thus, we will discuss the contributions of this framework for research with prostitutes and then we will present the educational processes in health, as well as some vulnerabilities in sex work. From the results obtained, it was observed that prostitutes learn in the relationships established in the exercise of sex work. Contrary to approaches that insist on portraying prostitutes as victims, the analysis of declarations by the research participants allows us to consider that they have knowledge and they create strategies for promoting health and reducing vulnerabilities they face in exercising their occupation. We want the data now presented might give rise to reflections that encourage the development of actions aimed at promoting health of women prostitutes.

**KEYWORDS:** Popular Education; Educational Processes; Health; Sex Work.

<sup>1</sup> Doutorado e Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNISAL). E-mail: fabianalhp@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais, Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (bolsa CAPES). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Saúde pela Faculdade de Medicina da Unicamp.

<sup>3</sup> Pós-Doutorado em Educação Popular e Saúde junto à FIOCRUZ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

## INTRODUÇÃO

As pesquisas desenvolvidas por Ferreira (2006)<sup>1</sup> e Sousa (2007)<sup>2</sup> aqui apresentadas fazem parte do quadro de produção do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos que se constitui como uma comunidade de trabalho,<sup>3</sup> no interior da qual pesquisadores iniciantes são orientados por pesquisadores mais experientes a se aproximarem de uma prática social com intuito de investigar processos educativos que nela se desenvolvem.

A inserção em uma prática social requer a construção de vínculos de confiança, que por sua vez exige o acolhimento por parte de seus participantes; exige humildade e sensibilidade para se aproximar e compreender os significados e visões de mundo apresentados pelas pessoas que tomam parte da prática social em estudo.<sup>4</sup>

A integração e participação em práticas sociais com o objetivo de pesquisar e compreender os processos educativos que são ali desencadeados, conformados, consolidados, promovem a formação das pesquisadoras e dos pesquisadores e das participantes da pesquisa enquanto sujeitos que pesquisam juntos e, nesse ato, humanizam-se e firmam-se cidadãos e cidadãs.<sup>5,6</sup>

Humanizar-se é uma ação coletiva que resulta da permanente busca por ‘ser mais’ de que nos fala Freire.<sup>6</sup> Busca que deve ser pautada pelo diálogo e pela vontade de pronunciar e transformar o mundo em comunhão. Essa busca constante é um elemento definidor da Educação Popular, a qual se caracteriza pela disponibilidade em sair do lugar, isso é, pelo engajamento na luta por rupturas na estrutura existente e “pela busca de novas possibilidades de organização da vida comum”.<sup>7:300</sup>

A possibilidade de vislumbrar novas formas de organizar a vida e questionar estereótipos cristalizados e disseminados acerca da prostituta levou-nos a optar por desenvolver trabalho de pesquisa com base nos aportes teóricos da Educação Popular. Esse referencial nos auxiliou a compreender o que Streck<sup>8</sup> denomina como ‘pedagogia do movimento’, a qual, pautada na obra de Paulo Freire, consiste na ação voltada a compreender a leitura de mundo, que se desenvolve no interior de práticas sociais e a ‘andarilhagem’, isso é, os deslocamentos que os oprimidos realizam, constantemente no sentido de reinventar-se em busca do ‘ser mais’.

Neste artigo, apresentamos resultados de pesquisas que foram desenvolvidas com intenção de compreender a leitura de mundo de mulheres prostitutas inseridas na prática social da prostituição, bem como desvelar os processos educativos por elas desenvolvidos, no sentido de promover sua saúde e minimizar vulnerabilidades com que se deparam no exercício do trabalho sexual.

A prostituição é uma prática social complexa que está ligada à economia, ao trabalho, à sexualidade, à moral e às relações de gênero. Compreender a complexidade dessa prática implica em reconhecê-la como atividade multifacetada composta por fatores sociais, econômicos, culturais e pessoais que inviabilizam a construção de um modelo explicativo homogêneo, rígido e estático sobre a mesma.

Existem distintas abordagens que analisam a prostituição, de forma que a mesma pode ser considerada como opressão,<sup>9</sup> como “mal necessário” ou como trabalho sexual. Há uma corrente feminista que compreende a prostituição como a pior forma de opressão do homem sobre a mulher, pois considera que a prestação de serviços sexuais legitima o acesso masculino aos corpos femininos.<sup>10</sup>

Existe outra abordagem que percebe a prostituição como um mal necessário, na qual embora estigmatizada, a prestação de serviços sexuais passa a ser tolerada, pois é percebida como mecanismo regulador da ordem moral, na medida em que canaliza os desejos masculinos e preserva, assim, a reputação das chamadas mulheres honestas.<sup>11</sup> Por outro lado, há uma abordagem que considera a prestação voluntária de serviços sexuais por parte de pessoas adultas como uma estratégia de inserção socioeconômica, isso é, como uma forma de trabalho sexual.<sup>12</sup>

O emprego do termo ‘trabalho sexual’ para fazer referência ao exercício voluntário da prática da prostituição por pessoas adultas tem gerado um amplo debate, sobre o qual não há consenso. Segundo Otchet,<sup>13</sup> esse debate estrutura-se em torno da indagação: a prostituição é uma forma de exploração que deve ser abolida ou uma atividade profissional que precisa ser regulamentada? Acerca desse questionamento, Agustín<sup>14</sup> ressalta que definir a prostituição de adultos como sinônimo de exploração sexual é uma tentativa de transformar a linguagem, de forma a negar o exercício voluntário dessa atividade. Se essa prática é entendida como exploração, os clientes que demandam serviços sexuais se convertem em exploradores e criminosos. A autora critica essa abordagem disciplinar pautada na definição de crimes e na aplicação de punições e afirma a necessidade de construir abordagens humanas, pautadas na realidade dos sujeitos envolvidos, para a compreensão da temática.

Em consonância com os princípios da Educação Popular, buscamos dialogar com as mulheres entrevistadas para identificar como elas percebiam a prática exercida e todas elas afirmaram que compreendem a prestação de serviços sexuais como uma estratégia de inserção socioeconômica, tal como distintas associações da Rede Brasileira de Prostitutas que reivindicam o reconhecimento de sua identidade profissional.

A prostituição foi compreendida nos contextos de in-

investigação como uma prática social, na qual as pessoas que dela tomam parte (prostitutas, clientes, funcionários e proprietários de casas noturnas, taxistas etc) tanto aprendem como ensinam por meio de suas relações. Partindo dessa compreensão, delineamos trajetórias de pesquisas de mestrado em educação, com intenção de investigar, em diálogo com mulheres prostitutas, processos educativos consolidados nas experiências vivenciadas na noite e descortinar estratégias para promoção de saúde que são desenvolvidas e comportalhadas por essas mulheres nos contextos de exercício do trabalho sexual.

## DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento de metodologias de pesquisa com base no referencial da Educação Popular, em especial nas contribuições advindas da obra de Paulo Freire, favoreceu a construção de um olhar distinto acerca da condição de mulheres que exercem trabalho sexual, possibilitando romper com estereótipos, frequentemente veiculados sobre a figura da prostituta, que insistem em retratá-la como vítima, negando, assim, sua condição de sujeito. Compartilhamos a compreensão de que um dos aspectos pedagógicos mais relevantes da Educação Popular tem sido “o processo de desconstrução de imaginários negativos, de reconhecimento de autoimagens pelo próprio povo e de construção de imagens positivas.”<sup>15:403</sup>

A fim de desconstruir imaginários negativos apresentados com frequência, acerca de mulheres que exercem trabalho sexual, buscamos desenvolver uma metodologia de pesquisa, que favorecesse o desvelamento dos modos de ser/agir/pensar no mundo desenvolvidos por essas mulheres. Por isso, a dialogicidade e a convivência foram empregadas como fios condutores do percurso metodológico traçado, no sentido de apreender a realidade vivenciada por prostitutas de casas noturnas de São Carlos.

O diálogo é apresentado por Freire<sup>6</sup> como princípio que permite ao ser humano significar a si e o mundo, à medida que reflete/age sobre o mundo e atribui sentido ao que vivencia. A dialogicidade é compreendida como uma postura cultivada por pessoas que visam a pronunciar e a transformar coletivamente sua realidade.

A transformação coletiva da realidade requer a convivência metodológica, favorece a compreensão da diversidade, pois conforme ressalta Oliveira<sup>16: 314</sup> na convivência somos incitados e incitadas a procurar e respeitar as diversas manifestações espirituais, materiais e culturais. Convivência é, portanto, palavra-chave na instauração do diálogo. Conviver é mais do que visitar é, aos poucos, conhecer e se fazer conhecer, requer envolvimento pessoal, exige observação, conversa e questionamento. A simpatia,

a confiança, a humildade, a sensibilidade, o respeito e a flexibilidade são algumas moedas que favorecem a convivência entre as pessoas pesquisadoras e as participantes da pesquisa.<sup>17</sup>

Tomando como fios condutores a dialogicidade e a convivência, optamos por realizar pesquisa com mulheres que, então, prestavam serviços sexuais em casas noturnas. Essa escolha foi motivada pelo vínculo das pesquisadoras com o Grupo de Estudos em Trabalho Sexual que realiza, desde 1998, ações educativas com prostitutas de casas noturnas de São Carlos. Visando a identificar processos educativos consolidados nas relações estabelecidas por essas mulheres em contextos de exercício do trabalho sexual, foram selecionados como procedimentos metodológicos o registro em diário de campo e o desenvolvimento de entrevistas, os quais foram trabalhados, a partir de um enfoque qualitativo de pesquisa.

Segundo Minayo,<sup>18</sup> o enfoque qualitativo aborda significados, motivos, crenças e valores dos processos sociais. Nesse enfoque, a entrevista caracteriza-se como procedimento importante por propiciar a produção de conteúdos fornecidos diretamente pelos sujeitos envolvidos no processo investigado. A fim de apreender a complexidade do universo do trabalho sexual, utilizamos entrevistas semiestruturadas. Essa técnica permite enumerar, da forma mais abrangente possível, as questões que o pesquisador quer abordar no campo, a partir de suas hipóteses ou pressupostos, advindos, obviamente, da definição do objeto de investigação.<sup>18:121</sup> Um pequeno roteiro serviu como norteador das discussões, sem que necessariamente as questões referentes a cada bloco tivessem que ser seguidas à risca ou cumpridas na íntegra. O critério de seleção para entrevistar as mulheres participantes da pesquisa foi estabelecido com base na disposição das mesmas para serem entrevistadas. O áudio das entrevistas foi gravado com consentimento das participantes, as quais também assinaram termo de consentimento esclarecido. Cabe ressaltar que, visando a preservar o sigilo de sua identidade, algumas participantes da pesquisa optaram por assinar o termo de consentimento esclarecido com nome fantasia, o qual é utilizado no exercício do trabalho sexual. Essa situação foi comunicada ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos e obteve sua aprovação.

O processo de organização e realização das entrevistas coletivas teve como base teórica as observações acerca da estratégia metodológica denominada reunião comunitária. No documento referencial para ações, na área da Saúde, voltadas a profissionais do sexo, a reunião comunitária é apontada como uma alternativa viável para trabalhos realizados com pessoas que prestam serviços sexuais. Essa

estratégia consiste numa abordagem desenvolvida por meio de pequenos grupos, formados por pessoas da comunidade em estudo e pela pessoa que propôs o trabalho que, juntas, discutem os temas propostos. Destaca-se como ponto positivo dessa abordagem metodológica a possibilidade de elaboração conjunta de estratégia de enfrentamento de questões para as quais, muitas vezes, ao serem analisadas de forma individual, não são encontradas soluções possíveis ou factíveis.<sup>19;120</sup>

As referidas pesquisas foram desenvolvidas em duas casas noturnas da cidade. Grande parcela das mulheres que prestam serviços sexuais, nesses estabelecimentos, reside próximo ao local de trabalho, sendo que é comum algumas mulheres serem alojadas na própria casa noturna. Elas são migrantes oriundas de cidades próximas a São Carlos, tais como Araraquara, Porto Ferreira, Piracicaba, Limeira, Taquaritinga etc. No entanto, há mulheres que migram de outros estados da região Sudeste, como Rio de Janeiro ou Minas Gerais, e ainda há mulheres provenientes das regiões Centro-Oeste, Norte ou Nordeste. Participaram das pesquisas nove mulheres que, então, prestavam serviços sexuais em duas casas noturnas de São Carlos. Os nomes, ora empregados para aludir a essas mulheres – Ana, Maria, Fernanda e Sônia - são fictícios, a fim de preservar-lhes a identidade, conforme disposto no termo de consentimento livre e esclarecido que lhes foi apresentado.

Os dados obtidos no diálogo com prostitutas de casas noturnas de São Carlos favorecem o questionamento de algumas imagens depreciativas veiculadas acerca dessas mulheres. Elas mencionaram que processos educativos consolidados no trabalho sexual podem gerar mudanças na forma de perceber sua autoimagem.

Para Sônia, a amiga foi quem a ensinou a cuidar da beleza. Destaca a convivência e a troca de saberes com a amiga.

*Antes de entrar para noite eu não sabia me vestir. Andava de qualquer jeito. Agora não, eu sei me vestir me sinto melhor. Sinto que eu tô bem mais elegante. Foi na noite que as minhas amigas começaram a me orientar. Modo de se vestir... E quem me ensinou tudo isso foi aquela minha amiga que te falei. Que me trouxe pra noite. Ela me orienta sempre. E quando eu vejo uma coisa errada nela eu falo pra ela se não tá certo. Então uma ajuda a outra.*

No mesmo sentido, Ana e Maria ressaltaram que a rotina do trabalho sexual as ensinou a cuidar da imagem. Observar as colegas de trabalho, perceber o quanto a autoimagem e a autoestima influenciam na conquista do cliente são saberes colocados pelas duas trabalhadoras.

Ana destaca: “Trabalhar na noite me deixou mais vaidosa aprendi a me arrumar. A gente se transforma. Aprendi isso observando as colegas de trabalho e vendo que o cliente não quer mulher feia. Quanto mais bem arrumada mais cliente a gente consegue”. E Maria concorda e destaca aspectos positivos do trabalho sexual:

*Na noite a gente pensa muito na imagem. A gente vira uma devota de si mesmo. Passa a se adorar. Porque a gente quer andar bonita, bem arrumada pra chamar atenção. Então a autoestima da gente fica lá em cima... Então na noite tem coisas boas também. Eu me sentia bem de estar sempre bela, querendo estar sempre linda. Eu aprendi na noite a estar sempre bela. A gente vai pegando um pouquinho daqui um pouquinho dali. A gente aprende assim observando, escutando. Uma fala assim: olhem vocês passem batom que fica legal, passa um blush que fica legal, usa sempre creme pra você não criar rugas no rosto porque os clientes não gostam de meninas idosas. A gente vai aproveitando essas dicas. Aí vai vendo que se a gente for pro salão mal arrumada a gente não consegue nada.*

Sônia ressaltou a grande importância da convivência com a amiga de trabalho. Em vários momentos, frisa que aprendeu e o quanto ensina o que aprendeu sobre autoestima, direitos e saúde com as colegas que fez no exercício do trabalho sexual. Ela desmitifica a percepção de que contextos de prostituição são ambientes, excessivamente, competitivos. Sônia compara as casas noturnas ao ambiente do trabalho anterior, quando estava empregada numa confeitaria, e destaca que, no trabalho sexual, há uma troca de experiências muito grande:

*Em relação aos meus direitos eu aprendi com as minhas amigas. Elas me ativaram. Você tem que denunciar. Você mora aqui sozinha vai que ele te faz mal. Você tem que se proteger. Tem que procurar os seus direitos. E a primeira a falar pra procurar os meus direitos foi aquela minha amiga que eu sempre te falo. Depois veio as meninas da casa. Minhas amigas do trabalho que me ensinaram a procurar os meus direitos. Eu aprendi que quando a pessoa é amiga mesmo é sempre presente e quer te ensinar. As minhas colegas de trabalho da noite são muito mais legais que a do meu outro trabalho na confeitaria. No meu outro trabalho era tudo cobra.*

A troca de experiências e informações entre essas mulheres demonstra que existe uma rede de solidariedade entre elas, a qual é empregada como estratégia para reduzir as vulnerabilidades do trabalho sexual. A possibilidade de contrair alguma infecção sexualmente transmissível



foi apontada pelas participantes da pesquisa como uma vulnerabilidade da vida na noite. Nesse sentido, Fernanda afirma “A gente aprende... tipo assim, com a experiência de uma pessoa ter pegado aquilo ou a experiência de uma pessoa ter passado por aquilo ou tem alguém que passou.” A percepção desse risco inerente à prestação de serviços sexuais contribui para que as mulheres utilizem preservativo nas relações sexuais com os clientes, embora nem sempre esse hábito se verifique nas relações com parcerias afetivas, conforme podemos observar no relato de Ana.

*Uma amiga me falou nunca transe sem camisinha. Mas quando tenho namorado não uso camisinha. Depois que entrei pra noite sou muito mais cautelosa com o homem na cama. Dou banho no cliente antes do programa, lavo as partes íntimas dele. Não faço a unha da mão. Tenho medo de machucar e entrar em contato com o sêmen do homem e pegar alguma doença. Todos esses cuidados aprendi sozinha. Fui observando os cuidados que se deve ter trabalhando na noite. Com a prática aprendi isso.*

Outra vulnerabilidade do trabalho sexual é o consumo frequente de bebidas alcóolicas, uma vez que as prostitutas de casas noturnas costumam firmar acordo com proprietários ou proprietárias desses estabelecimentos, nos quais essas mulheres devem acompanhar a clientela no consumo de drinques. É importante ressaltar que o consumo de bebida alcóolica pode gerar maiores rendimentos às mulheres que exercem trabalho sexual em casas noturnas, uma vez que elas recebam uma porcentagem sobre cada dose consumida por ela ou pelo cliente. A respeito do consumo de bebidas alcóolicas, Ana declara:

*A bebida me ajuda. Relaxo, consigo ter mais paciência, fico mais extrovertida. E também ganho mais dinheiro com a bebida, trinta por cento do preço da bebida é meu. Como sei que bebo muito e não faz muito bem, tento me alimentar bem e não ligo para esse negócio de engordar, não uso nenhuma droga. Aprendi com a experiência que tem que se alimentar bem.*

O consumo de bebidas alcóolicas também pode se dar com intuito de sentir-se mais relaxada e facilitar a abordagem aos clientes, como destaca Maria.

*Na noite a gente não toma cerveja só destilado. Na noite é difícil aprender a se controlar em relação à bebida. Você começa a beber pra ter coragem de chegar até os clientes. É difícil chegar sem beber nada. Hoje você toma um pouco você consegue sair com três, quatro clientes aí amanhã você repete e pensa só vou conseguir se eu beber. Aprender a ter*

*limite pra beber vem de antes. Vem de casa. Tem que beber bebidas fortes, pois a cerveja o dono da casa alega que não dá lucro.*

As entrevistadas consideram que o excesso de bebida alcóolica prejudica sua saúde e, na tentativa de sanar esse problema, elas procuram se alimentar bem. Sônia afirma:

*Porque como a gente bebe muito tem que se alimentar bem. Você tem a merenda de manhã, o almoço e o jantar na casa. A noite quando fecha a casa tem a sopa. Tem que se alimentar bem senão você não aguenta. Isso da alimentação vem da minha amiga mesmo. Eu vim com ela pra noite. Eu sabia o que eu ia fazer só que ela me orientava. Ela sempre me falava você tem que comer bem, tem que se alimentar. Cuidado pra não beber muito.*

## CONCLUSÕES

Concordamos com Arroyo<sup>15</sup> ao afirmar que nossa cultura política, as ciências e até mesmo profissionais (da saúde, da educação, do direito, dentre outras) que trabalham com os setores populares, ainda, sofrem influência de imagens depreciativas que insistem em retratar os grupos sociais sob visões naturalizadas, biologizadas, patológicas, desqualificadas, infantilizadas, dentre outras. Sendo assim, ressaltamos a relevância do desenvolvimento de investigações com base no referencial da Educação Popular que, historicamente, possibilitaram diversos vínculos entre educação, saúde e setores populares, favorecendo o desvelamento de autoimagens que os grupos populares foram mostrando de si próprios, em contraposição às imagens estereotipadas veiculadas pelos grupos dominantes.

Ratificando essa assertiva, os dados obtidos nas investigações permitem questionar algumas imagens depreciativas (suja, vetor de doenças venéreas, competitiva etc), comumente, disseminadas acerca da mulher que exerce prostituição, as quais visam a negar a condição de sujeito e reforçar a percepção da prostituta como vítima. A análise dos depoimentos cedidos pelas participantes das pesquisas demonstra que para além dessa compreensão vitimizante, a prostituta figura como sujeito de direitos, sendo capaz de identificar elementos opressivos, riscos e vulnerabilidades que se apresentam no exercício do trabalho sexual. Concluímos observando que a mulher prostituta possui agência, isto é, mesmo inserida em uma prática social estigmatizada, ela é capaz de identificar a situação vivenciada, elaborar estratégias para superar os desafios com que se depara e, dessa forma, recriar a si e sua realidade permanentemente.

## REFERÊNCIAS

1. Ferreira, FC. Trabalhadoras do sexo e profissionais da saúde: percepções sobre os processos educativos relacionados à saúde presentes no trabalho sexual. 142 f. [Dissertação]. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
2. Sousa, FR. Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes. 163f. [Dissertação]. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
3. Silva, PBG, Araújo-Oliveira, SS. Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa. In: VI ENCUENTRO – CORREDOR DE LAS IDEAS DEL CONO SUR “Sociedad civil, democracia e integración”; 2004 marzo 12; Montevideo.
4. Sousa, FR; Oliveira, MW. Saberes da noite: processos educativos consolidados na prática da prostituição. Anais da 33ª. Reunião da ANPED. 2010. GT 6- Educação Popular. (CD – ROM).
5. Oliveira, MW, Silva, PBG, Gonçalves JL, Garcia-Montrone, AV, Joly, IZ. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. Anais da 32ª. Reunião da ANPED. 2009. GT 6- Educação Popular. (CD – ROM).
6. Freire, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1970.
7. Streck, DR. Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. Revista Bras de Educ. 2010 maio/ago.; 15(44): 300-310.
8. Streck, DR. Uma pedagogia do movimento: os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. Revista de Educ Pub. 2009 jan./abr.; 18(36):165-177.
9. Lipszyc, C. Prostitución o esclavitud sexual? Lima: CLADEM; 2003.
10. Swain, TN. Banalizar e naturalizar a prostituição: violência social e histórica. Revista Unimontes Científica. 2004 jul./dez.; 6(2):23-28.
11. Fonseca, G. História da prostituição em São Paulo. São Paulo: Editora Resenha Universitária; 1982.
12. Kempadoo, K. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. Cadernos Pagu. 2005 dez.; (25):55-78.
13. Otchet, A. Debe legalizarse la prostitución? Documento II FORO Electrónico Latinoamericano ¿Trabajo Sexual, prostitución, industria del sexo? Tensiones, estigma, derechos y políticas públicas, jan/fev. 2005. [citado 2005 fev. 2]. Disponível em: <<http://www.ciudadaniasexual.org/foro/htm>> .
14. Agustín, L. Trabajo sexual y violencia contra las mujeres: ¿Visiones utópicas o batalla de los sexos? Development; 2001.
15. Arroyo, MG. Educação popular, saúde, equidade e justiça social. Cadernos Cedes. 2009 set./dez.; 29(79):401-416.
16. Oliveira, MW; Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e comunhão criadora. Cadernos Cedes. 2009 set./dez.; 29(79):309-321.
17. Oliveira, MW; Stotz, EN. Perspectivas de diálogo entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. Anais da 27ª. Reunião da ANPED. [CD – ROM]. 2004. GT 6 - Educação Popular.
18. Minayo, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 1994.
19. BRASIL, Ministério da Saúde. Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids. Séries Manuais, n ° 47. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2002.

---

Submissão: março de 2012

Aprovação: março de 2013

---